



FACULDADE GALILEU

CURSO DE PEDAGOGIA

ANA LUIZA APARECIDA AGUIAR

**A IMPORTÂNCIA DA INCLUSÃO DE ALUNOS COM TRANSTORNO
DO ESPECTRO AUTISTA NO ENSINO REGULAR: PRÁTICAS
PEDAGÓGICAS**

BOTUCATU

2025

FACULDADE GALILEU
CURSO DE PEDAGOGIA

ANA LUIZA APARECIDA AGUIAR

**A IMPORTANCIA DA INCLUSÃO DE ALUNOS COM TRANSTORNO
DO ESPECTRO AUTISTA NO ENSINO REGULAR: PRÁTICAS
PEDAGÓGICAS**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado à Faculdade Galileu, como
parte dos requisitos necessários à
obtenção do título de Licenciatura, no
Curso de Pedagogia, sob orientação do
(a) Prof. (a). Ma. Amanda Raquel de
Menezes.

BOTUCATU

2025

AGRADECIMENTOS

Aos meus familiares, especialmente ao meu pai e à minha mãe, pela dedicação, amor e apoio incondicional em todos os momentos desta trajetória acadêmica.

À professora Amanda Raquel, minha orientadora, pela orientação competente, paciência e incentivo constante, fundamentais para a conclusão deste trabalho.

Aos mestres que dedicaram suas vidas à educação e que, com seus exemplos e obras, contribuíram de forma significativa para o desenvolvimento do conhecimento científico.

Aos amigos que estiveram presentes ao longo desta caminhada, oferecendo apoio, amizade e palavras de encorajamento nos momentos de dificuldade.

E, com carinho, a todos que contribuíram, direta ou indiretamente, para a realização deste trabalho.

RESUMO

O presente estudo abordou a importância da inclusão de alunos com Transtorno do Espectro Autista (TEA) no ensino regular, focando nas práticas pedagógicas adequadas. O objetivo principal foi analisar as implicações no desenvolvimento do estudante com TEA. A pesquisa, de natureza qualitativa e descritiva, fundamentou-se em uma revisão sistemática da literatura. Os principais resultados identificaram que o ensino estruturado, como o proposto pelo programa TEACCH (Treatment and Education of Autistic and Communication Handicapped Children), é o meio facilitador mais eficiente para a cultura do autismo, pois oferece estrutura e organização que se adaptam à criança, potencializando suas facilidades visuais e minimizando a ansiedade. Concluiu-se que o docente deve atuar como mediador, buscando novas formas de ensinar e acreditando na capacidade de aprendizado de cada aluno com TEA, priorizando suas habilidades.

Palavras-chave: Inclusão; Transtorno do Espectro Autista; Prática Pedagógica.

ABSTRACT

The present study addressed the importance of including students with Autism Spectrum Disorder (ASD) in regular education, focusing on appropriate pedagogical practices. The main objective was to analyze the implications on the development of students with ASD. The research, qualitative and descriptive in nature, was based on a systematic literature review. The main results identified that structured teaching, such as that proposed by the TEACCH program (Treatment and Education of Autistic and Communication Handicapped Children), is the most efficient facilitating medium for the culture of autism, as it offers structure and organization that adapt to the child, enhancing their visual facilities and minimizing anxiety. It was concluded that the teacher must act as a mediator, seeking new ways of teaching and believing in the learning capacity of each student with ASD, prioritizing their abilities.

Keywords: Inclusion; Autistic Spectrum Disorder; Pedagogical Practice.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	6
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	7
2.1 Caracterização do Transtorno do Espectro Autista	7
2.2 Pressupostos Teóricos sobre Educação Inclusiva do TEA	9
3 METODOLOGIA	10
4 RESULTADOS E DISCUSSÕES	11
4.1 Educação Inclusiva para Estudantes com TEA	11
4.2 A Importância da Estimulação da Criança Dentro e Fora da Escola	12
4.3 O Programa TEACCH (Treatment and Education of Autistic and Communication Handicapped Children)	13
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	14
REFERÊNCIAS	16

1 INTRODUÇÃO

Pensar sobre o processo de inclusão escolar é, por natureza, um ato inquietante que desafia os saberes da docência e a visão de escola. Embora a educação seja um direito de todo cidadão, e a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN nº 9.394/96) exija o respeito às diferenças, a inclusão de estudantes com Necessidades Educacionais Especiais (NEE), em particular os com Transtorno do Espectro Autista (TEA), ainda se apresenta como um processo difícil. A ausência de formação profissional docente, a carência de material e de apoio administrativo somam-se a uma realidade que exige que a escola vá além das questões burocráticas e enfatize a formação de um indivíduo pleno.

Incluir é possibilitar meios e ações que favoreçam o pertencer, e o estudante com TEA apresenta uma realidade complexa e singular, que ainda gera desconforto e é vista como algo a ser conquistado. O TEA é uma condição de desordens complexas e permanentes do desenvolvimento do cérebro, com identificação que se inicia por volta dos três anos. Pelo Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM-V), o diagnóstico é especificado pela presença de deficiências persistentes na comunicação e interação social, além de padrões restritos e repetitivos de comportamento, interesses ou atividades.

Nesse contexto, a inclusão do estudante com autismo se torna um desafio desde a apresentação do currículo, que precisa ser flexível para atender às heterogeneidades. A partir dessa concepção, este trabalho se propôs a analisar o que o desenvolvimento do estudante com TEA. Especificamente, buscou-se identificar fundamentos que proporcionam a inclusão de estudantes com TEA no ensino regular e verificar as possibilidades de inclusão e estímulos para a ação e interação do docente com o estudante com TEA.

A pesquisa caracteriza-se como qualitativa e descritiva, baseando-se em uma revisão sistemática da literatura. O estudo está estruturado da seguinte forma: Fundamentação Teórica sobre o TEA e Educação Inclusiva, que engloba a Revisão da Literatura e a Metodologia, seguida dos Resultados e Discussões sobre a Educação Inclusiva para TEA e o Programa TEACCH, e por fim, a Conclusão e as Referências. Este trabalho visa contribuir para a reflexão e prática docente, oferecendo subsídios para uma educação verdadeiramente inclusiva que respeite as singularidades dos alunos com TEA.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 Caracterização do Transtorno do Espectro Autista

O autismo é uma condição do neurodesenvolvimento marcada por desafios significativos na comunicação, na interação social e no comportamento. Greenfeld (2009, p. 11) descreve de forma sensível o isolamento característico de muitas crianças com o transtorno: "Um menino está sentado sozinho [...] Se você diz oi, ele não olha para você nem se volta na direção de sua voz."

Leo Kanner, pesquisador austríaco, foi o primeiro a caracterizar o autismo como uma síndrome distinta, apresentando "inércia social, comportamentos repetitivos, dificuldade na comunicação e habilidades cognitivas extremamente irregulares" (KANNER, 1986, p. 35). Seu estudo com 11 crianças observadas no Hospital John Hopkins levou à denominação de autismo infantil precoce (KANNER, 1943 apud BOSA; CALLIAS, 2000).

Durante (2012) ressalta que, para Kanner, o autismo se manifesta especialmente na dificuldade de relacionamento interpessoal. Inicialmente, foi confundido com esquizofrenia, sendo compreendido como uma "fuga da realidade". Essa confusão persistiu por décadas, pois "as primeiras edições do CID não fazem qualquer menção ao autismo. A oitava edição o traz como uma forma de esquizofrenia e a nona o agrupa como psicose infantil" (BAPTISTA; BOSA, 2002, p. 6).

As pesquisas de Kanner também revelaram dificuldades de linguagem, expressas em repetições conhecidas como ecolalia imediata e diferida. Apesar disso, o autor destacou que muitas crianças demonstravam capacidades cognitivas notáveis: "O vocabulário incrível [...] a excelente memória [...] e a fenomenal capacidade de decorar poemas [...] testemunham uma boa inteligência" (KANNER, 1943, p. 247-248 apud DURANTE, 2012, p. 5).

Essas crianças também apresentavam resistência a mudanças, comportamentos ritualísticos e interesses restritos, como explica Silva, Gaiato e Rvelles (2012, p. 10): "A principal área prejudicada [...] é a da habilidade social. [...] Crianças com autismo apresentam repertório de interesses e atividades restritos e repetitivos, têm dificuldade de lidar com o inesperado e demonstram pouca flexibilidade para mudar as rotinas."

A heterogeneidade do transtorno é ressaltada por Marteleto et al. (2011, p. 5), ao afirmar que "podemos encontrar crianças que falam e outras que não falam [...]; algumas podem apresentar retardo mental e outro quociente intelectual dentro da variação média normal". Essa diversidade torna o diagnóstico e a intervenção processos complexos e individualizados.

O DSM-V (2013, p. 27) passou a agrupar os diferentes tipos de autismo sob o termo Transtorno do Espectro Autista (TEA), definindo-o como um conjunto de déficits persistentes na comunicação e interação social, além de padrões restritos e repetitivos de comportamento. Esses sintomas devem estar presentes desde a infância e causar prejuízos significativos nas áreas social, ocupacional ou em outros contextos da vida do indivíduo.

Williams e Wright (2008, p. 20) explicam que, a partir de estudos clínicos e psiquiátricos, o DSM e a CID estabeleceram critérios comportamentais que permitiram "um consenso nos diagnósticos". O TEA geralmente se manifesta até os três anos de idade, sendo mais comum em meninos, e pode ou não estar associado a déficits cognitivos (WILLIAMS, 2008, p. 20).

A Organização Mundial da Saúde define o autismo como "um distúrbio do desenvolvimento, sem cura e severamente incapacitante" (apud MANTOAN, 1997, p. 13). Apesar disso, Cunha (2010) destaca que o transtorno pode sofrer alterações ao longo da vida, dependendo das experiências e estímulos vivenciados. O autor menciona possíveis causas associadas a fatores bioquímicos e metabólicos, conforme Shaw (2002, p. 31): "Se uma pessoa tem uma doença grave como autismo [...] deve haver alguma alteração em um ou mais processos químicos do corpo."

Entre os comportamentos autísticos mais recorrentes, Cunha (2010, p. 28-29) lista retraimento social, resistência ao contato físico, ausência de contato visual, ecolalia, sensibilidade a ruídos, estereotipias, compulsões e resistência à mudança de rotina. Esses sinais variam conforme a idade e o nível de desenvolvimento do indivíduo.

Cunha (2010) também faz referência a Montessori, que explica que as crianças típicas aprendem por meio de interações e brincadeiras, enquanto as crianças com TEA percebem o mundo de forma distinta. Muitas vezes, o objeto não desperta interesse por sua função, mas pela sensação que proporciona. Assim, "é comum ver uma criança TEA rolando ou balançando, pois ambas as sensações são positivas" (CUNHA, 2010).

Dessa forma, o Transtorno do Espectro Autista é compreendido como uma condição complexa, heterogênea e permanente, que afeta diferentes aspectos do desenvolvimento humano. Sua caracterização teórica é essencial para a promoção de diagnósticos precoces e de práticas pedagógicas e terapêuticas que respeitem as singularidades de cada indivíduo.

2.2 Pressupostos Teóricos sobre Educação Inclusiva do TEA

A Educação Inclusiva busca garantir o direito de todos os estudantes à aprendizagem, reconhecendo suas singularidades e potencialidades. O relato de Sacks (2006, p. 249), ao mencionar a trajetória de Temple Grandin, ilustra como o desenvolvimento e a inclusão são possíveis mesmo diante de desafios intensos: "Eu me perguntava como ela tinha conseguido passar dessa infância praticamente inteligível [...] à bióloga e engenheira bem-sucedida, que eu estava indo visitar."

De acordo com Vygotsky (1978 apud SANTOS, 2013, p. 13), o professor deve compreender seu papel de mediador, reconhecendo que "cada criança dentro da sala de aula se desenvolve, amadurece e aprende de forma particular", sendo necessário valorizar e estimular constantemente o potencial de cada uma. Nesse sentido, a UNESCO (1995, p. 5) afirma que o princípio fundamental da escola inclusiva é garantir que "todas as crianças aprendam juntas, sempre que possível, independentemente de quaisquer dificuldades ou diferenças que possam ter".

A efetivação da inclusão, contudo, enfrenta desafios significativos, sobretudo quanto à formação docente. Muitos professores relatam dificuldades em transformar as políticas de Educação Inclusiva em práticas pedagógicas eficazes, além de lidarem com a precariedade dos espaços escolares e a ausência de recursos adequados. Segundo Tinti (2016, p. 43), a escola atual ainda reproduz "uma visão elitizada sobre o direito ao aprender e ao pertencer", o que contribui para a exclusão e o fracasso escolar.

Paro (2007) observa que à escola têm sido atribuídas funções além da dimensão pedagógica, e Luckesi (1994) complementa que o afastamento da essência educativa favorece a perpetuação da não aprendizagem. Nesse contexto, questiona-se como promover uma aprendizagem significativa para todos, especialmente para estudantes com TEA, cujas especificidades exigem estratégias diferenciadas de comunicação e interação.

Gomes (2010) aponta que muitos professores se sentem despreparados para lidar com essa diversidade, o que é agravado pela "ausência de material adequado, de apoio administrativo e de recursos financeiros". Para Mantoan (2004), é essencial que a escola ultrapasse barreiras burocráticas e priorize a formação integral do indivíduo, auxiliando-o em seu desenvolvimento, e não o punindo por suas dificuldades.

Portanto, pensar a inclusão escolar requer repensar todo o espaço educativo – físico, curricular e metodológico – para eliminar barreiras e promover a participação de todos. Incluir significa possibilitar o pertencimento e reconhecer o valor da diversidade. No caso dos estudantes com Transtorno do Espectro Autista, a inclusão ainda representa um desafio que demanda sensibilidade, conhecimento e compromisso por parte de toda a comunidade escolar.

3 METODOLOGIA

Esta pesquisa caracteriza-se por uma abordagem qualitativa e descritiva, tendo como principal procedimento metodológico a revisão sistemática da literatura. O estudo baseou-se em análise de materiais bibliográficos, como livros, artigos científicos, dissertações, teses e documentos oficiais, com o intuito de compreender a importância da inclusão de alunos com Transtorno do Espectro Autista (TEA) no ensino regular e as práticas pedagógicas mais adequadas.

A coleta de dados foi realizada por meio de pesquisa em bases de dados científicas, como SciELO, Google Acadêmico e bibliotecas virtuais, utilizando-se dos descritores: "Inclusão escolar", "Transtorno do Espectro Autista", "Práticas pedagógicas", "Educação Inclusiva" e "Programa TEACCH". Foram selecionados trabalhos publicados preferencialmente entre 2000 e 2023, que abordassem a temática em questão.

A análise dos dados consistiu na leitura crítica, organização e síntese das informações obtidas, permitindo a identificação de categorias temáticas relevantes para a discussão dos resultados, tais como: caracterização do TEA, desafios da inclusão, metodologias de ensino e o papel do programa TEACCH.

4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

4.1 Educação Inclusiva para Estudantes com TEA

A inclusão de estudantes com Transtorno do Espectro Autista (TEA) representa um desafio contínuo para a escola, especialmente devido à rigidez curricular e à falta de flexibilidade nas práticas pedagógicas. Para que a educação inclusiva ocorra de forma efetiva, é fundamental adaptar o currículo e as estratégias de ensino, reconhecendo as especificidades de cada aluno e assegurando igualdade de oportunidades.

Diversas metodologias e técnicas têm sido utilizadas para favorecer o desenvolvimento e a aprendizagem dos alunos com TEA. Entre as mais conhecidas estão a Comunicação Facilitada, o PECS (Picture Exchange Communication System), a Integração Sensorial, a Integração Auditiva e o Programa TEACCH, que estrutura o ensino conforme as necessidades individuais. Essas ferramentas, quando adaptadas à realidade da escola e do professor, contribuem para melhorar a comunicação, a autorregulação e a participação dos estudantes nas atividades escolares, promovendo uma verdadeira inclusão.

O envolvimento da família é indispensável nesse processo, uma vez que os estímulos oferecidos em casa complementam o trabalho escolar. A parceria entre educadores e familiares permite uma continuidade das práticas educativas, fortalecendo o desenvolvimento global da criança. Como destaca Coutinho (2012), não existe cura para o autismo, mas diferentes intervenções podem favorecer a aprendizagem e a interação social, tornando as experiências cotidianas mais significativas e prazerosas.

A inclusão eficaz exige também um ensino individualizado, com momentos de atendimento educacional especializado (AEE), que complementem a vivência na sala regular. O professor deve estar preparado para lidar com comportamentos desafiadores, compreendendo-os como formas de comunicação ou autorregulação, e mantendo sempre uma postura calma, objetiva e acolhedora.

Assim, a educação inclusiva para o aluno com TEA deve ser pautada na compreensão, na adaptação e na cooperação entre escola, família e profissionais, garantindo o desenvolvimento integral do estudante e o reconhecimento de suas potencialidades.

4.2 A Importância da Estimulação da Criança Dentro e Fora da Escola

A estimulação precoce é fundamental para o desenvolvimento global das crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA), especialmente quando a inclusão escolar ocorre desde a Educação Infantil. Cada criança apresenta um ritmo próprio de aprendizagem, o que exige do professor sensibilidade para compreender suas particularidades e adaptar estratégias pedagógicas conforme suas necessidades. Dessa forma, o estímulo contínuo dentro e fora da escola é essencial para favorecer a autonomia, a socialização e o desenvolvimento cognitivo.

Segundo Silva (2010), é necessário tornar a criança mais competente para lidar com as exigências de seu contexto cultural, o que reforça a importância de ambientes ricos em estímulos significativos. A identificação precoce de alterações sensoriais também é decisiva, pois possibilita intervenções adequadas que favorecem o desenvolvimento motor, cognitivo e social. De acordo com Dunn (2017), o modo como o sistema nervoso responde aos estímulos varia entre indivíduos – compreender esses limites neurológicos ajuda o educador a ajustar suas práticas de forma mais eficaz.

As terapias complementares, como a fonoaudiologia e a fisioterapia, desempenham papel essencial nesse processo. O trabalho do fonoaudiólogo contribui para o desenvolvimento da fala e da comunicação, enquanto o fisioterapeuta auxilia na coordenação motora e no fortalecimento muscular, promovendo avanços físicos e funcionais.

A escola inclusiva, por sua vez, deve atuar em parceria com a família, garantindo um trabalho coletivo entre professores, coordenação pedagógica e responsáveis. O sucesso da criança com TEA depende da integração entre os contextos familiar e escolar, ambos comprometidos com estímulos positivos e consistentes. O envolvimento da família é crucial – pais que participam das rotinas, brincadeiras e momentos de afeto fortalecem o vínculo emocional e estimulam o desenvolvimento integral da criança (PACHECO; OLIVEIRA, 2008).

Entretanto, ainda é comum observar o isolamento de crianças com TEA, o que causa frustração em pais e professores (SANTOS; MOUKACHAR, 2017). Por isso, é essencial garantir que essas crianças estejam inseridas na sociedade, participando de atividades coletivas, festas e eventos, de modo que se sintam incluídas e valorizadas.

Assim, tanto a família quanto a escola têm papéis fundamentais na promoção de uma educação humanizada e inclusiva. A estimulação precoce, aliada à

afetividade, à paciência e à parceria entre todos os envolvidos, é o caminho para o desenvolvimento pleno da criança com autismo, possibilitando que ela conquiste sua independência e exerça sua cidadania de forma plena.

4.3 O Programa TEACCH (Treatment and Education of Autistic and Communication Handicapped Children)

O Programa TEACCH foi desenvolvido com o objetivo de oferecer suporte à pessoa com Transtorno do Espectro Autista (TEA) ao longo de toda a vida, desde a infância até a fase adulta. Sua principal filosofia é promover o desenvolvimento da autonomia e independência, visando melhorar a qualidade de vida e possibilitar que o indivíduo atue de forma mais autônoma em seu cotidiano (FONSECA, 2014).

Mais do que um método pedagógico, o TEACCH propõe uma abordagem estruturada de ensino, voltada não apenas para o aprendizado acadêmico, mas também para o desenvolvimento de habilidades comunicativas, sociais, comportamentais e de vida diária. O programa reconhece que a previsibilidade e a organização do ambiente são fundamentais para reduzir a ansiedade e favorecer o aprendizado.

Entre suas estratégias principais, destaca-se o uso da estruturação visual, que auxilia a criança a compreender melhor o ambiente e as tarefas. Os recursos visuais – como agendas ilustradas, esquemas de rotina e painéis de atividades – facilitam a compreensão das etapas das atividades e promovem o foco da atenção em aspectos essenciais, minimizando distrações.

O ambiente educativo, segundo o TEACCH, deve ser organizado, previsível e livre de estímulos desnecessários, permitindo que o aluno identifique com clareza o que deve ser feito. Essa estruturação contribui para o desenvolvimento da linguagem, da autonomia e do controle comportamental, além de fortalecer a autoconfiança do aluno.

Assim, o Programa TEACCH destaca-se como uma metodologia eficaz para a educação inclusiva de pessoas com TEA, ao proporcionar um ensino adaptado, visualmente estruturado e centrado nas potencialidades do indivíduo. Seu foco não está apenas na aprendizagem escolar, mas no desenvolvimento global, na

valorização da independência e na construção de uma vida mais autônoma e significativa para cada pessoa com autismo.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base nas pesquisas e práticas do programa TEACCH, conclui-se que o ensino estruturado é um dos métodos mais eficazes para o processo educacional de pessoas com Transtorno do Espectro Autista (TEA). Mais do que uma técnica pedagógica, ele representa uma forma de organização que respeita o modo como o aluno compreende o mundo, favorecendo a aprendizagem significativa e reduzindo a ansiedade diante das atividades escolares.

O objetivo deste trabalho foi analisar as o desenvolvimento do estudante com TEA, e foi plenamente atingido por meio da revisão sistemática da literatura, que permitiu identificar o ensino estruturado como principal facilitador.

Segundo Fonseca e Ciola (2016), a estruturação adequada do ambiente e dos materiais contribui para o desenvolvimento da autonomia, melhora a compreensão das tarefas, diminui comportamentos inadequados e potencializa as habilidades visuais – aspectos essenciais para o sucesso do aluno com autismo. Cabe ao educador tornar o mundo compreensível, transformar o excesso de estímulos em algo previsível e acessível, promovendo um ambiente organizado, calmo e propício ao aprendizado.

O programa TEACCH apresenta-se como uma metodologia acessível, uma vez que utiliza recursos simples e de baixo custo, passíveis de adaptação às necessidades específicas de cada estudante. De acordo com Schopler, Mesibov e Hearsey (1995), criadores do método, a estruturação do ambiente e a previsibilidade das rotinas são fatores determinantes para a aprendizagem e a autonomia de pessoas com Transtorno do Espectro Autista. Pesquisas e experiências educacionais que aplicam essa abordagem evidenciam resultados expressivos, especialmente na organização do espaço pedagógico, na melhoria do comportamento e no desenvolvimento da independência dos alunos. Elementos como a rotina visual, o planejamento sequencial e a clareza nas tarefas configuram-se como aspectos essenciais para o engajamento e o progresso dos participantes (MANTOAN, 2004).

Conclui-se que a educação de pessoas com TEA vai muito além do aprendizado acadêmico: envolve o desenvolvimento social, comunicativo e emocional. Esse processo precisa ser construído de forma colaborativa entre família, escola e profissionais de apoio, valorizando as potencialidades individuais de cada aluno. Assim, o papel da escola é criar condições para que todos aprendam, respeitando as diferenças e estimulando continuamente suas capacidades.

Portanto, é fundamental que o educador esteja atento às peculiaridades de cada aluno, oferecendo intervenções personalizadas e significativas. O verdadeiro sentido da inclusão está em acreditar na capacidade de aprender, respeitando o ritmo e as formas de expressão de cada criança. Tão importante quanto adquirir novas habilidades é manter e aprimorar as que já existem, garantindo uma educação que acolhe, transforma e possibilita o desenvolvimento integral do aluno com autismo.

Como limitação do estudo, ressalta-se que a pesquisa se baseou exclusivamente em revisão bibliográfica, não envolvendo trabalho de campo. Para estudos futuros, sugere-se a aplicação de práticas baseadas no TEACCH em contextos escolares regulares, a fim de verificar in loco os seus impactos na inclusão de alunos com TEA.

REFERÊNCIAS

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. *Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais – DSM-5*. 5. ed. Washington, 2013. Disponível em: <https://institutoinclusaobrasil.com.br/diagnostico-transtorno-do-espectro-autista-dms-5/>. Acesso em: 30 out 2025.

BAPTISTA, C. R.; BOSA, C. (Org.). *Autismo e educação: reflexões e propostas de intervenção*. Porto Alegre: Artmed, 2002.

BOSA, C.; CALLIAS, M. *Autismo: a brief review of different approaches*. *Psicol. Reflex. Crit.*, v. 13, n. 1, Porto Alegre, 2000.

BRASIL. *Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996*. Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Brasília: MEC, 1996.

CUNHA, E. *Autismo e Inclusão: Psicopedagogia e práticas educativas na escola e na família*. 3. ed. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2011.

DURANTE, C. J. *Autismo: uma questão de identidade ou diferença?* In: III Simpósio Nacional Discurso, Identidade e Sociedade (III SIDIS), 2012.

FONSECA, Maria Elisa Granchi; CIOLA, Juliana de Cássia Baptistella. *Vejo e aprendo: fundamentos do Programa TEACCH – o ensino estruturado para pessoas com autismo*. 2. ed. Ribeirão Preto: Book Toy, 2016.

GOMES, R. C. M. *Formação de professores: um olhar ao discurso do docente formador*. *Revista E-Curriculum*, São Paulo, v. 2, n. 3, dez. 2006. Disponível em: <http://revistas.pucsp.br/index.php/curriculum/article/view/3155/2086>. Acesso em: 15 out 2025.

MANTOAN, Maria Teresa Eglér. O direito de ser, sendo diferente na escola. *Revista Direito da Educação, R. CEJ*, Brasília, n. 26, p. 36-44, jul. /Set. 2004. Disponível em: <https://revistacej.cjf.jus.br/cej/index.php/revcej/article/view/622/802>. Acesso em: 05 nov. 2025

PARO, V. H. *Gestão escolar, democracia e qualidade do ensino*. São Paulo: Ática, 2007.

SANTOS, N. P. *O desenvolvimento intelectual da criança com autismo e o método TEACCH*. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) – Faculdade Método de São Paulo, 2013.

SCHOPLER, Eric; MESIBOV, Gary B.; HEARSEY, K. Structured teaching in the TEACCH system. In: SCHOPLER, E.; MESIBOV, G. B. (orgs.). *Learning and cognition in autism*. New York: Plenum Press, 1995. p. 243-268.

SILVA, A. B.; GAIATO, M. B.; RIVELLES, A. C. *Mundo singular: entendendo o autismo*. São Paulo: Fontanar, 2012.

VYGOTSKY, L. S. *A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores*. 7. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.